

O lirismo do vate de rosa morena: estudo da produção literária dispersa de Leovigildo de Melo Leite (1882-1913)

Ionã Carqueijo Scarante¹

À guisa de introdução

Atualmente, a crítica literária tem demonstrado interesse pelos arquivos literários. A busca nesses lugares de memória é para a localização de pistas para a compreensão do texto de autores pouco conhecidos, ou pouco estudados bem como para a reconstituição de seus itinerários, (re)elaborando assim suas biografias. A literatura comparada, por sua vez, no âmbito dos estudos literários muito tem contribuído para o estabelecimento de interfaces com outras áreas de estudo, a exemplo da crítica textual, crítica genética, arquivologia, entre outros. Neste estudo, buscamos em arquivos baianos os textos do escritor Melo Leite (1882-1913), bem como elementos da sua biografia, afim de trazermos à baila a sua produção literária.

Este estudo só se tornou possível porque seguimos as pistas apontadas por críticos literários que conheceram o poeta Melo Leite e, por reconhecerem o valor estético de sua obra, registraram suas impressões em ensaios e artigos sobre a sua poética. A obra de Melo Leite permanece dispersa em alguns números da Revista Nova Cruzada, em ensaios publicados em livros de crítica literária, em alguns artigos publicados em jornais baianos. Poucos poemas do autor foram localizados. O poeta não reuniu seus poemas em livro.

Agradecia a todos que lhe exaltavam os méritos, que o esquecessem depois de sua morte. Por isso mesmo não fez o livro que imaginava. Esse livro, entretanto, seria a sua glória. Mas para o pobre e resignado poeta a glória talvez fosse um segundo e eterno infortúnio” (PAULO FILHO, 1954, Apud CAIRO, 1966, p. 25).

Nos últimos instantes de sua vida, a sua força intelectual esmaeceu-se e tomado por uma “angústia indefinida”, segundo o crítico literário Carlos Chiachio (1936, p. 10), queimou os últimos versos que compôs, ação que dificultou, ainda mais, a reconstituição de sua produção literária. Estas informações colhidas de artigos de seus contemporâneos e admiradores de seu fazer poético aguçou, ainda mais, a nossa curiosidade sobre a vida e a obra deste escritor. E nos fez pesquisar em arquivos baianos

¹ Doutora em Literatura e Cultura (UFBA); Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional (UNEB); Professora de Língua Portuguesa e Literaturas do IF Baiano – campus Valença; membro do Grupo de Pesquisa Linguagens, Culturas e Ambientes (GLICAM/IF Baiano); Poeta. Escritora para infâncias.

localizados no território do Baixo Sul da Bahia (Valença e Ituberá) e no acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, na cidade de Salvador, a fim de localizarmos seus textos dispersos e sua fortuna crítica. Seguimos as pistas de alguns de seus críticos, que citaram alguns jornais e a Revista Nova Cruzada, lançada no início do século XX, onde Melo Leite publicou alguns de seus poemas.

O que nos inquieta na escrita deste autor é a forma como ele lê o seu conflituoso mundo interior, revelando-nos um sujeito em seus diversos sentimentos: a dor da solidão, o desânimo, a angústia de viver, a paixão arrebatadora, o amor não correspondido.

Itinerários do poeta santareno: histórias e memórias

Leovigildo de Melo Leite, nasceu em 1882, na antiga Rua das Pedras, na Vila de Santarém, atual cidade de Ituberá, localizada no território do Baixo Sul Baiano. Viveu toda a infância e parte da adolescência na antiga Vila de Santarém, criada em 27 de dezembro de 1758. Somente se tornou cidade no ano de 1911, dois anos após a morte do poeta. A cidade em que nasceu, fora uma pequena aldeia indígena, na segunda metade do século XVIII. Conforme Vivaldo Cairo (1966, p. 17), “existiam aproximadamente cem palhoças, habitadas por cerca de 300 índios, dentre eles, também portugueses”. Esses últimos denominaram-na Santarém, em homenagem à pátria distante. Os primeiros habitantes cultivavam mandioca, os portugueses cultivavam café e cacau. Além das atividades agrícolas, Santarém recebia todas as mercadorias embarcadas em Salvador em seu porto. Ali eram distribuídas por tropeiros, em lombos de animais, até seus destinos finais. Em junho de 1948, por força de um Decreto Estadual, a vila recebeu o nome de Ituberá.

O poeta de Santarém viveu pouco tempo em sua terra natal, certa vez ficou doente e não pode regressar à Santarém, preferiu ficar na capital, pois não se acostumava mais viver na cidade interiorana, embora, sempre a visitasse em datas especiais para falar ou recitar em público. Segundo Vivaldo Cairo, “os que o conheceram, diziam que Melo Leite tinha uma palavra fácil. O verbo era fluente, emoldurado de imagens bonitas” (CAIRO, 1966, p. 19).

Nos últimos anos da sua vida aventureira afastou-se dos pais. Esses tinham algumas posses, viviam no interior, distantes do progresso, distantes dos movimentos sociais. Não tinham muita instrução e não compreendiam os ideais e o destino do filho.

De vez em quando, tinham notícias dele, essas beiravam a tragédia e a desolação. Todavia, não existiam provas de que a família se negasse a auxiliá-lo.

Jackson de Figueirêdo, amigo do poeta e um de seus biógrafos mais encantados com a sua obra, afirma que Melo Leite não nasceu no seio da pobreza.

Filho de um negociante do interior do Estado da Bahia, foi a princípio, como ele próprio recordava, uma dessas grandes esperanças de família burguesa no Brasil, honrada e trabalhada gente, capaz de fazer convergir todas as forças, de que dispõe, para vêr brilhar, um dia, à sombra do lar, enobrecido pelo trabalho, uma fina flôr de bacharelismo... (FIGUEIREDO, 1921, p.)

O jovem poeta, tornou-se estudante de Direito, na Faculdade de Direito da Bahia e exerceu pleno domínio da boemia acadêmica, desde os estudos preparatórios para ingressar na faculdade quando esteve em terras sergipanas, tanto quanto outros companheiros, a exemplo do também baiano Pedro Kilkerry e do sergipano José Barreto, companheiros de estudos, de boemias e poesias.

O escritor e jornalista M. Paulo Filho, que foi colega do poeta no curso de Direito, escreveu um artigo sob o título *Lembranças de Melo Leite*, publicado no jornal *A Tarde*, de 23 de outubro de 1954, na coluna *Literatura e Arte*. Seção dirigida pelo jornalista Aristóteles Gomes. Nesse artigo, o jornalista apresenta algumas características físicas e alguns traços psicológicos do poeta:

Eu o conheci entre 1905 e 1909, quando ambos cursávamos a Faculdade de Direito da Bahia. Era um rapaz franzino, pouca altura, esguio, a cabeleira ao vento, que êle ao mesmo tempo com a mão em leque, penteava e despenteava. Bebia, às vezes, mas não tinha o hábito de se embriagar. Colegas e companheiros apontam-no como o modelo dos delicados. Ninguém mais humilde, nem mais arredio das agitações acadêmicas. A solidão era o seu refúgio. E fazia versos de uma doçura extraordinária. (PAULO FILHO, 1954, f.10).

Segundo M. Paulo Filho, ainda nesta época em que conheceu o escritor, a capital baiana vivia um momento de surgimento de novos poetas, de movimentos literários. Dentre os jovens que se destacavam neste período, o jornalista cita, em seu artigo, um grupo promissor de poetas, formado por Galdino de Castro, Artur de Sales, Desousa Dantas, Jonas Silva, Roberto Correia e Pedro Kilkerry. Para o crítico, “Leovigildo de Melo Leite no meio dêles, parecia o de mais espontânea e comovedora inspiração. E o mais estranho e abstrato.” E o crítico discorre sobre a revista Nova Cruzada: “sociedade literária que alcançou no Norte do país uma ascendência só comparável a que conquistou a Padaria Espiritual em Fortaleza, no Ceará”.

Pedro Calmon, em sua *História da Literatura Bahiana*, diz que a revista “[...]foi fundada por estudantes, ainda sem pouso certo, ou seja, em estilo boêmio, no adro da Catedral... com a intenção de agremiar os “cavaleiros” do ideal, poetas irreverentes, prosadores estreantes, ensaístas, críticos, gente do futuro” (CALMON, 1949, p. 216). O historiador cita Melo Leite entre os Cavaleiros de Honra da revista, que surgiu no início do século XX, fundada em 13 de maio de 1901. Essa primeira fase da revista foi efêmera. Ressurgiu depois e mesmo sem muitos recursos, era sempre elogiada pelos intelectuais da época. E teve Carlos Chiachio com um dos seus mais importantes impulsionadores. Melo Leite foi um dos colaboradores assíduos da revista. Nela publicou alguns dos seus mais belos poemas. Utilizava, segundo o M. Paulo Filho (1954), a contragosto, o pseudônimo de Barão de Levi, integrando o chamado grupo renovador desse veículo literário. O crítico Carlos Chiachio, em seu artigo *Malogrados*, publicado na sua coluna *Homens e Obras*, no jornal *A Tarde* de 11 de março de 1936, nos apresenta a origem do pseudônimo do poeta: o apelido surgiu no Colégio São José, extinto ginásio baiano, do ilustre educador João Florêncio Gomes:

De lá saiu Melo Leite, apelidado por Marcílio, de quem era o mais amigo pelas inclinações – de Levi, o Levi que resistiu, só, contra não sei que invasões albigenses nas cruzadas medievais. De lá, como antevisão, lhe vem esse destino de resistir, só, às investidas da sorte. Barão de Levi! Não menos pelo valor episódico de seu martírio do que pela promessa da sua obra, escassa, pequena, malograda, que o devemos fixar entre os nomes da nossa galeria literária. (CHIACHIO, 1936, f. 3)

A revista Nova Cruzada era um espaço destinado a poetas despojados, Melo Leite foi um desses escritores do futuro que compunham o grupo, era um de seus “Cavaleiros de Honra”:

Aí é que publicou os seus mais belos poemas e poemetos, os quais se reunidos em volume teriam direito à colocação de destaque na galeria dos mais festejados que se hão produzido no Brasil. Melo Leite era um romântico da decadência e sob alguns aspectos do sópro lírico lembrava Edmond Rostand. A sua poesia “Rosa Morena”, correta na forma e elevada no sentimento para encantar e comover, foi um acontecimento. Deixou as fronteiras do Estado, sendo geralmente lida e admirada (PAULO FILHO, 1954)

Apesar de ter uma circulação restrita, a revista Nova Cruzada foi importante meio de divulgação da poesia de tantos escritores no início do século, a exemplo de Melo Leite, que teve a sua poesia intitulada Rosa Morena encaminhada para o Rio de Janeiro, para ser apreciada por grandes nomes da literatura brasileira na época:

Xavier Marques mandou-a logo para o Rio, por intermédio de Afranio Peixoto. E este mostrou-a aqui a Olavo Bilac, a Alberto de Oliveira e a Araripe Junior. Bilac disse a Afrânio que se a Arte e a Inspiração de um poeta podiam num poema, resumir toda a inocência e pureza de uma menina-moça fruto da ingenuidade sertaneja, Rosa Morena, a flor do Serinhaém devia ser considerada obra-prima. Alberto de Oliveira confessou que se honraria no escrever coisa igual. E Araripe não resistiu ao desejo de consagrá-la com os elogios de uma crônica a seu respeito. (PAULO FILHO 1954)

Melo Leite viveu poucos anos. Não usufruiu da glória de ser reconhecido como grande poeta. Regressando um dia à terra natal, o vate santareno, demorou-se para morrer, padeceu por algum tempo por causa da tuberculose, que o obrigou a afastar-se do curso de Direito. Não bebia, conforme descreve Carlos Chiacchio. Era um puro, um simples, “um quase místico do amor”. O crítico o apontava como alguém que vivia um funesto drama da Psicanálise: era genial e ao mesmo tempo fadado ao fracasso por causa do seu pessimismo que o desencorajava. “E o poeta foi tombando, ferindo-se nos pedregulhos do seu destino adverso”. (CAIRO, 1966, p. 51). A vida de Melo Leite é como “a monografia completa de uma doença da vontade”. (CHIACCHIO, 1936, f. 3).

Seus primeiros passos, as suas primeiras alegrias transformaram-se de súbito, e, recuos inexplicáveis, em fugas das rodas amigas, em pequenas manias ambulatórias, como descer à cidade para saborear uma xícara de café, manducar o conteúdo dos açucareiros, dormir vestido, calçado e com chapéu, a temer o frio, o vento, a noite, olhando as estrelas pelas frestas e a lua e as nuvens. (CHIACCHIO, 1936, f. 3).

Seu falecimento ocorreu em 21 de abril de 1913, conforme Vivaldo Cairo (1966, p. 21). “Espaçadamente, costumava visitar o cunhado Manuel Zeferino. Este residia perto da Rua da Lapinha, casa próxima à praça que ultimamente tem o nome do poeta. Visitando certa vez o cunhado, sentiu-se tão mal que não pôde voltar à residência.” (CAIRO, 1966, p. 19). O cunhado do poeta, de nome Manuel Zeferino foi uma importante fonte de informações sobre o escritor, pois descreveu aos seus biógrafos os últimos momentos do vate santareno. Foi um final simplório para sua vida: um velório com alguns acompanhantes. Só algum tempo depois, amigos da capital, principalmente os que foram seus colegas de república, das lides acadêmicas, coparticipantes da revista “Nova Cruzada”, se pronunciaram, fazendo comentários ou relembando episódios relacionados à vida do poeta.

O escritor e crítico literário Jackson de Figueiredo escreveu denso estudo sobre o poeta em seu livro *Humilhados e Luminosos* (1921). Nele, apresenta o poeta Melo Leite como alguém que viveu “em estado quase de sonho” (FIQUEIRÊDO, 1921, p. 108):

Creio, hoje, que, no quadro mais amplo da vida, é bem mas fácil classificá-lo... Foi Mello Leite pura e simplesmente um desgraçado, e, como disse então, com muito mais aparência de verdade, um tipo comum a todas as literaturas, a sensibilidade das raças condensada num só espécimen doloroso. Nela a imaginação era maior que o senso prático da vida e por isso viveu num estado quase de sonho e, sem que propriamente lhe faltasse vontade, desceu um a um todos os degraus da miséria. Sabia querer como ninguém,

mas o que?: o não adaptar-se a nenhuma das condições da vida social moderna. (FIGUEIREDO, 1921, p.108)

Com estas afirmações, Jackson de Figueiredo nos pinta um quadro do homem Melo Leite. Desejava ser poeta e pronto. Não ambicionava a nenhum cargo público, como a maioria dos homens de sua época, nem tinha interesse pela indústria, nem pelo comércio. O poeta afirmava que preferia morrer de fome a tentar qualquer uma dessas carreiras.

É certo que considerava trabalho e sério trabalho a composição dos seus versos e até como que o arranjo das atitudes de espírito de que a poesia deveria brotar... De dia a sua namorada era uma rede, de tarde a sua rede era qualquer olhar enamorado, à noite balouçava-se ao ritmo das modinhas nortistas e namorava a lua ou as estrelas. Ele próprio, quase nestes termos, foi quem me deu uma descrição da sua “gloriosa jornada de trez anos”... que assim chamava os seus trez anos de bohemia propriamente acadêmica. (FIGUEIRÊDO, 1921, p. 113)

Em Sergipe, durante o curso preparatório para ingressar no curso de Direito na Bahia, o poeta viveu amores platônicos e seguiu os “violões sergipanos” todas as noites, enquanto sua família esperava algum resultado em prol do seu diploma de bacharel. Mas apesar de não se dedicar às leituras, de afirmar que a “sua vontade toda visava só um fim: nada fazer”, (FIGUEIRÊDO, 1921, p. 115) fazia versos que impressionavam seus amigos.

E o seu amigo e posterior crítico literário e biógrafo, nos apresenta mais elementos da sua vida acadêmica:

Mello já se vira forçado a abandonar a Academia de Direito, onde jamais passara do 1.º anno, e os parentes, negando-lhe recursos, castigavam com justiça a sua malandrice... Já estivera no Rio de Janeiro (em 1910) tentando colocar-se e do Rio guardava as mais amargas recordações. (FIGUEIRÊDO, 1921, p. 115)

Nos últimos anos de sua vida, Melo Leite deixa-se tomar por um complexo de inferioridade social, que lhe atrapalha intelectualmente. Torturado pelo seu psiquismo, entrega-se ao desânimo, não permanece em nenhum dos empregos que seus amigos lhe conseguiram, vivia a lamentar-se. [...] “Mello morria a olhos vistos. Orgulhoso, como já disse, para se lhe fazer um favor era preciso ter-se a mais absoluta paciência, pois não raro se revoltava contra a disfarçada caridade, e não raro também se commovia a ponto de agravar-se-lhe o mal” (FIGUEIREDO, 1921, p. 117-118). A doença apagava de sua mente a sagacidade, a inteligência que lhe era peculiar. Raramente vibrava nele o poeta.

A poesia era a eclosão do seu desejo insatisfeito, de um vazio que o acometia, como a recapturar o sentido misterioso da existência. Algumas vezes assemelhava-se aos simbolistas: o poeta retirava-se do círculo de ação social, resguardava-se e de vez em quando enviava um poema “como se fosse um cartão de visita – para o mundo a fim de lembrar-lhe sua existência” (BALAKIAN, 1985, p. 67). Os traços simbolistas não se manifestaram apenas no comportamento do autor, seus poemas apresentam artifícios poéticos simbolistas e ainda se misturam livremente com outras influências de movimentos literários do final do século XIX. Sua obra apresenta também traços ultrarromânticos que vão do exagero sentimental e egocentrismo ao pessimismo diante da existência. A sua poesia *Rosa Morena* foi equiparada ao lirismo de Castro Alves, pelo poeta baiano Pethion de Vilar (1870 - 1924), conforme citou Carlos Chiachio (1936, p.10): “Reputo-o um dos maiores poetas modernos. Sua musa é uma ressurreição lírica de Castro Alves”.

A cerca das influências poéticas de Mello Leite, Jackson de Figueiredo diz que “a poesia extravagante de Beaudelaire na França, Cesário Verde em Portugal e Cruz e Souza, entre nós, influenciou a princípio no poetar de Mello Leite” (FIGUEIREDO, 1921, p.123). Apresentaremos, a seguir, alguns de seus poemas, que localizamos em alguns números da Revista Nova Cruzada e uma leitura crítica desses.

Breve leitura da lírica de Melo Leite

O poeta santareno, Melo Leite, cantou as coisas simples e naturais, revelando em seus versos o belo, o mundo ao seu redor e os seus amores. Um variado mundo de sensações, uma verdadeira constelação de imagens. Algumas vezes, o poeta santareno presta-se a traduzir contínuos estados de espírito/de alma. Esses versos tornavam-se, para muitos dos seus companheiros, um mar de luz, no qual se embriagavam de prazer e, em seguida, tornavam-se naufragos nesse mar poético. Muitas vezes, o sujeito lírico dedica-se ao vago, ao impreciso, ao amor estranho, mas em tudo há a expressão puramente literária, um tom suave, musical. As palavras são organizadas de tal forma, que constroem uma rede de sons. Nessas experimentações o poeta abraça um simbolismo espontâneo, da sua entrega à natureza, que por si só é repleta de símbolos. Além disso, notam-se similitudes entre seus poemas e a música, sobretudo os primeiros que publicou, graças ao ritmo cantante dos versos, que demonstram a preocupação do poeta com a melodia, com os efeitos plásticos. Notam-se essas tendências finiseculares em seus poemas e alguma influência do espiritualismo baudelairiano.

Os primeiros textos que compõem a poética de Melo Leite trazem o símbolo, isto é, seus poemas são marcados por expressões que sugerem uma imagem que os transcende. O símbolo é a figura ou imagem utilizada como signo para dizer uma outra coisa: como gelo, por exemplo, pode ser um símbolo para morte, em seu poema Noite de Insomnia, publicado em dezembro de 1903, na revista *Nova Cruzada*, conforme podemos perceber no fragmento a seguir:

Noite de insomnia

Noite de inverno, noite de frio,
Noite de insomnia, de pesadelo;
Corre-me os nervos um calafrio,
Rio de gelo.

Cospe-me o vento cantarolando...

Quantos fantasmas funambulescos!
Passam fumando, tagarellando,
Vultos dantescos.

Choros e preces, vagos ruidos,
Preces e choros pelo ar volantes;
Gemidos fundos, tristes gemidos
De agonisantes... [...] [LEITE, 1903, p. 33)

O poema apresenta um misto de sonho e lucidez. O estado de alma é sugerido pelo uso de algumas palavras e expressões, tais como: “Rio de gelo”, “pedra”, “treva”, “sombras”, elementos evocados para que as emoções vividas pela insônia fossem prolongadas e reforçadas. O sujeito poético inspira-se no medo, como nos versos: “Medra-me na alma, no peito medra/ Um asphyxiante medo das cousas [...]”. As forças exteriores escapam ao controle da vontade do sujeito poético e o colocam entre os pólos opostos: vida e morte.

Nota-se a comunicação entre o poeta e o leitor, por meio de imagens e o jogo de sons musicais que remetem ao movimento simbolista. Foram estas e outras características apresentadas neste poema, por exemplo, que fizeram com que o crítico Jackson de Figueiredo dissesse que a poesia extravagante do francês Baudelaire, do português Cesário Verde e do brasileiro Cruz e Souza influenciaram no poeitar de Melo Leite no início de suas incursões pela poesia (FIGUEIREDO, 1921, p. 123). As características identificadas como simbolistas não se firmaram em toda a sua poética. O poeta escreveu vários poemas na esteira de Baudelaire, mas desviou-se desse caminho para compor poemas com temáticas lírico-amorosas, a exemplo do poema *Excelsa*, publicado na revista Nova Cruzada, em dezembro de 1903 e também publicado por Jackson de Figueiredo (1921) e por Vivaldo Cairo (1966). Segue o texto:

Excelsa

Essa de formosura principesca,
De soberana e fresca formosura,
Languida e loira, radiosa e pura,
De tons lascivos de real tudesca;

Essa que chamam a cathedralesca
Santa do amor, espelho de candura,
E que por entre a multidão fulgura,
Fria, fleugmática e madrigalesca...

É a flor bizarra e tropical do goso,
Aberta e olente do meu sonho estuoso

Na noite branca, enlutarada e fresca.

A crinisparsa e fulgida sereia,
Cheia de pompas, de amavios cheia,
De tons lascivos de real tudesca... (LEITE, 1903, p. 29)

A poesia de Melo Leite é construída com um vernáculo irrepreensível, além de apresentar beleza na forma e no jogo das palavras. Neste poema, o sujeito poético canta o amor para alguém que se destaca pelo excesso de brilho e que possui características merecedoras de seu louvor. Os adjetivos que denotam luminosidade resplandecente apresentam-se desde o título: ‘Excelsa’. Além de ressaltar a formosura principesca da figura feminina, ressalta a sua sensualidade e erotismo: “De tons lascivos de real tudesca”. O sujeito poético escancara a sua paixão por uma mulher que se assemelha a uma santa, que “por entre a multidão fulgura”, mas que habita os seus sonhos mais ardentes, como uma sereia que o enfeitiça.

Também podemos notar o sujeito poético declamando o seu amor a alguém que denomina de Rosa Morena, no poema de nome homônimo. Esse poema é considerado a sua obra prima, pelos seus contemporâneos e críticos. Segue fragmento do texto:

Rosa Morena
Aqui mal chego, ansioso destes ares,
Inda os tédios de lá, na alma sentindo,
Vejo-a... e seus olhos, como dois luars,
Ficam-me na alma, vívidos, luzindo.

Sob este céu de opalas e safira,
Meu céu natal, ela nasceu também
Sob este céu que límpido, se mira
Nas quietas águas do Serinhaém.

Casta, a brancura imácula do gelo
Traz no vestido de rendados folhos...
Que noite embalsamada em seu cabelo!
Que luminosa a noite nos seus olhos! [...]
(MELO LEITE, *apud* FIGUEIREDO 1921, p. 131)

Considerações finais

O levantamento dos textos de Leovigildo de Melo Leite, dispersos em números da revista Nova Cruzada e também os localizados em estudos críticos publicados por seus contemporâneos e admiradores de sua produção poética, representam um ato de preservação do patrimônio literário, escritural, linguístico do poeta.

As pesquisas feitas até aqui, sobre a obra de Leovigildo Melo Leite, apresentam, apesar do seu caráter fragmentário, a poética deste escritor. Ele escreveu poemas que

são verdadeiros documentos históricos que refletem a ideologia ou a sensibilidade de uma época. Se não fosse a insistência dos amigos de Melo Leite em registrar alguns de seus poemas e de escrever textos sobre sua vida e sua obra, não seria possível apresentá-lo neste estudo. Alguns fatores de ordem psicológica e de ordem financeira atrapalharam a caminhada do poeta que, nos dias finais de sua tão curta vida, resolveu destruir os seus textos, pois não queria deixar na Terra nenhum rastro da esteira luminosa que traçara.

REFERÊNCIAS

- BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- CAIRO, Vivaldo. *Ponte da memória*. Salvador: Editora Mensageiro da Fé, 1966.
- CALMON, Pedro. *História da Literatura Bahiana*, Editora José Olympio, 1949, p. 2016.
- CHIACCHIO, Carlos. Malogrados... In: Homens & obras. Jornal *A Tarde*. Salvador: ano 24, p. 3 e 10, 11 mar. 1936.
- FIGUEIREDO, Jackson de. *Humilhados e luminosos*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1921.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *O Simbolismo: uma revolução poética*. São Paulo: Edusp, 2016.
- LEITE, Leovigildo de Melo. Excelsa. In: Revista *Nova Cruzada*. Salvador: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, ano III, n. 2, p. 29, dez. 1903.
- _____. Noite de Insomnia. In: Revista *Nova Cruzada*. Salvador: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, ano III, n. 2, p. 32-33, dez. 1903.
- _____. Estrellejamientos. In: Revista *Nova Cruzada*. Salvador: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, ano III, n. 3, p. 45, abril, 1904.
- _____. Dentro da noite. In: Revista *Nova Cruzada*. Salvador: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, ano V, n. VIII – IX, p. 14, ago. 1906.
- PAULO FILHO. M. Lembranças de Mello Leite. In: Literatura e Arte. Jornal *A Tarde*. Salvador: 23 out. de 1954.